

5ª PARTE

DISCURSOS

Saudação ao Padre Pitombeira no Lançamento do seu Livro de Poemas nos 70 Anos do Colégio Diocesano

Napoleão Nunes Maia

1

O Colégio Diocesano e o Padre Professor

Padre Pitombeira, Deus me permitiu encanecer, para ter a grande ventura de festejar consigo este momento dos 70 anos do Colégio Diocesano, que sei altamente significativo para a sua vida, para celebrar com grande pompa as muitas vitórias que Ele lhe ensinou obter; sei que a sua modéstia cora diante do que digo, porque o seu espírito reflexivo é mais dado aos silêncios do que aos estrépitos, a sua vocação de Padre da Igreja, desempenhada com humanidade, é um paradigma, pois foi associada superiormente no seu magistério honrado e coerente, nunca transigindo com o errático e o nocivo, nivelando pelo alto as lições imperecíveis que as centenas e centenas de alunos seus tiveram a boa fortuna de ouvir e aprender.

Aqui neste Colégio Diocesano, está a sua vida, sempre se renovando: o Colégio com as suas salas e as suas galerias, as suas histórias e as suas sombras, os seus personagens inesquecíveis, Libório e Josué, a sua *santa sineta* (onde anda aquela sineta, Padre Pitombeira, que não a vi ali no seu canto, perto da Diretoria?) tocando sempre as suas chamadas metálicas para as correrias ou para os silêncios, é o nosso Padre Pitombeira monumental, de pedra, de tijolo, de cimento e de ferro, na sua construção sempre jovem, nos convocando para receber o Fundador no seu aniversário, e cantarmos juntos, uns afinados e outros nem tanto:

*Saudamos o grande dia
que tu hoje comemoras
seja a casa onde moras
a morada da alegria
e o refúgio da ventura!
Feliz aniversário!*

Ou então, nas visitas de Dom Aureliano ao nosso Ginásio, quando todos se reuniam ali no centro e cantávamos com grande emoção:

*amigo, seja bem vindo,
a casa é sua, não faça cerimônia,
vá pedindo, vá mandando,
seja seu tudo o que tenho de meu;
e mais a divina graça,
amigo, seja bem-vindo.*

Este Colégio é fruto da mais auspiciosa iniciativa do nosso eterno Bispo Diocesano Dom Aureliano Matos, que o criou num momento de singular inspiração do seu longo, inesquecível e fecundo pastoreio, em que a sua *visão profética* vislumbrou o futuro de Limoeiro do Norte e o da sua juventude, um momento tão inspirado, talvez mesmo gêmeo daquele em que Deus criou a prata líquida da lua, para depois derramá-la generosamente nas várzeas limoeirenses, as nossas madrugadas, os nossos amanheceres e os nossos crepúsculos vespertinos, *sobre a legião verde-chumbo das nossas carnaubeiras, semelhando um exército selvagem de índios de cocar verde*, na descrição poética e lírica de Filgueiras Lima.

Alguns dos seus felizardos alunos, os que partiram mais cedo para a Casa do Pai, nem estão aqui para esta homenagem ao Padre Pitombeira, professor e mestre ímpar, querido e respeitado, principalmente pelos que experimentaram o rigor de suas admoestações dire-

tas e severas; os que hoje observam de lá – talvez com inveja da nossa sorte – esta festa intelectual que ainda mais o associa, Padre Pitombeira, ao seu Ginásio Diocesano, ao Colégio Diocesano dos seus cuidados extremos, como o que se devota a um amor que vem de longe.

O aniversário de 70 anos do jovem Colégio Diocesano é a consagração das suas vitórias, Padre Pitombeira, feitas com denodo e pertinácia, apesar dos obstáculos e revezes, incompreensões e dificuldades; permita-me, Padre Pitombeira, dar agora um fio de voz aos seus alunos de ontem – hoje os seus alunos para sempre – lembrando aqueles que agora nos contemplam das abas das nuvens, mas as suas sombras familiares circulam por aqui; quero em nome de todos eles homenageá-lo, Professor Padre Pitombeira, nesta chamada mítica dos seus nomes, representando o universo de seus alunos na eternidade: Lineu, Edinardo, Jussier, Nilton e Zenilo Barros – e não os nomino só pelo parentesco, mas pela circunstância de terem sido meus colegas no Ginásio e alunos (aqui) do Padre Pitombeira, de quem ele guarda diferentes recordações, nas suas idênticas saudades.

E lembro também, Padre Pitombeira, os alunos destacados deste Colégio, Antônio Nilson, Ariosto Holanda, José Maria Lucena, Aécio de Castro, Antônio Eudes e o nosso poeta Luisinho Mendes; e menciono ainda Gilmário, Jackson, Evandro ... aqui evocados por todos e tantos amigos inesquecíveis.

E como esquecer os mestres daquele tempo: refiro-me aos do meu tempo de seu aluno, Padre Pitombeira, do seu Latim, do seu Português, do seu Canto Orfeônico e das sessões do nosso Grêmio Literário, o tempo permanente do Professor Matos, do Professor Doutor Lima Verde, do Professor Pedro Alves Filho, do Padre Misael, do Padre Cleto, do Padre Pedro, do Padre Falcão e do Padre Mariano, todos integrados na nossa história e na história do Colégio, pelo bem imenso que fizeram; e ainda as sempre queridas e mais amadas Professoras, Dona Lili, Dona Neuma, Dona Neneca, Dona Nozinha, Dona Delne e Dona Creuza.

Não vejo o Padre Pitombeira senão como um Professor, nessa constelação de professores excelentes, um mestre como poucos – e *tive mestres extraordinários na minha formação acadêmica* – por isso não dissocio a sua imagem da imagem de um *autêntico missionário do ensino*; um homem que devotou a sua vida à docência da juventude, pela palavra e pelo exemplo, e à expansão do acesso à cultura; ele abriu os nossos horizontes, mostrou as nossas potencialidades, deu oportunidade a muitos, e *muitos são os que seguiram as suas orientações perspicazes e seguras*; este é o homem que é Padre, mas poderia ser Vigário ou Bispo, com mesmas virtudes que é Professor: *na contabilidade celestial é longa a lista dos seus créditos, porque na sua vida faz e espalha o bem, como Professor distribui o pão do saber e da ilustração.*

2

A obra permanente do construtor do ensino

Sem as condecorações faiscantes que os outros ostentam no peito – palavras de Cassiano Ricardo descrevendo o Lavrador – assim é o Padre Pitombeira, o construtor insone, que com *a sua mão aumentada pela santidade do trabalho* – sigo ainda as palavras de Cassiano Ricardo – faz brotarem aqui, neste nosso torrão abençoado, *onde nascem poetas, multiplicam-se oradores e vicejam filósofos*, a sequência das coisas – diplomas, sucessos e novos caminhos – ao fim de cada ano letivo; esta é a sua obra, aperfeiçoada pelo tempo e pelo estudo, que são os *polidores das grandes obras*, segundo o velho Machado de Assis; quanto tempo gastou o Padre Pitombeira na edificação da sua obra de educador e quantas horas de estudo aplicou nessa sua tarefa profética?

Isso ninguém o sabe ao certo, mas se pode dizer que não foi um tempo gasto, mas empregado; no seu livro *Emílio*, Jean Jacques Rousseau pondera que *a mais útil regra de toda educação não é ganhar,*

mas consumir tempo, por isso pode-se dizer que o Padre Pitombeira seguiu à risca essa recomendação, pois não mede o seu tempo – doa-o por inteiro – não economiza o seu esforço – emprega-o por completo no esmerado aprimoramento de sua obra.

Homem e obra, Padre Professor e Colégio, aqui se confundem numa só realidade dinâmica e em permanente movimento, num fazer e refazer constante e diuturno, num recomeço entusiástico e otimista a cada dia, numa devoção *autenticamente religiosa ao ensino*; essa é a obra do Padre Pitombeira, que não é feita por ele para si, mas para a elevação da cultura; a obra do Padre Pitombeira não é a montagem ou a coleção colorida dos dias do seu tempo, mas antes de tudo é uma arquitetura sobre a sua fé permanente: crer nas pessoas e acreditar que elas nascem para grandes coisas, e que a muitas delas lhes basta um começo equilibrado, para alcançarem êxitos seguros e vitórias permanentes, com a graça de Deus.

3

Um livro de poemas cheio de versos misteriosos

Eis aqui um livro de poemas emocionados e emocionantes, *escritos com o coração fora do peito*, com as emoções à flor da pele, ornado de caprichosos desenhos de Côca Torquato, simbólicos desenhos, sugestivos e enigmáticos, apresentado pela verve do Professor Pedro Henrique Saraiva Leão, de raízes limoeirenses, Presidente da Academia Cearense de Letras, e pelas palavras do poeta Virgílio Maia, interpretando a heráldica figura de prata sobre campo de blau: diz ele que essa figura é uma roda de catavento, talvez um catavento de madeira das croas do Jaguaribe, do Banabuiú ou das cercanias do Córrego de Areia ou da Ilha, mas também pode ser – e isso vai por minha conta - uma roda de bicicleta libertina nos escavados da Gangora ou da Tapera, ou nos caminhos do Sapé, um sol estilizado nas ombreiras

do Serrote da Jurema, olhando a calha do vale limoeirense, ou o signo de um *congresso de ventos* (imagem de Joaquim Cardozo), discutindo aqui sobre nuvens, debatendo sobre gados e assuntando invernos.

O Padre Pitombeira, poeta, há muito nos devia a exposição de seus poemas, como estes agora, eivados de confissões e cheios de palavras sensatas e sensíveis em relação às suas lembranças, às suas perdas e aos seus pesares; o seu tocante poema *Meu Pai* (para mim o mais emocionante de todos) é um momento de grande enternecimento afetivo:

*meu pai, minhas lembranças de menino
colaram no teu ar de agricultor;
tua memória também está vazia
de lembrança de eu ser adolescente.*

Poeta, pressinto neste poema o lamentoso e triste pesar drumoniano na sua poesia Encontro:

*Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho;
se a noite me atribui poder de fuga,
sinto logo meu pai e nele ponho
o olhar, lendo-lhe a face ruga à ruga.*

Diz o Padre Pitombeira sobre o labor do seu pai agricultor, pescador e caçador:

*roças que te ajudei a cultivar
inda florescem em sonho
e na brancura dos cachos de algodão,
tu'alma pura me ensina
o que se deve semear.*

Aqui neste poema extremoso o pai é para ele o que os pais são para os meninos: o homem sábio que sabe de todas coisas, que ensina o que deve ser e mostra, mesmo calado, às vezes taciturno, a eloquência do exemplo edificante na brancura dos cachos de algodão.

Pois eu conheci de muito perto o pai do Padre Pitombeira, retratado neste poema, conheci Padim Chico, como Lineu chamava o seu avô, o homem que está descrito com a mais fiel fidelidade nesse poema evocativo e sentimental do Padre Pitombeira, para mim, com a devida licença, o instante mais eletrizante e invejável deste seu livro; um poema que eu gostaria de ter escrito, e me absolva, Padre Pitombeira, do pecado da inveja que agora lhe confesso.

Mas há outros momentos de sutilezas e revelações: Quando cheguei à margem dos teus olhos, que vontade senti de mergulhar – neste poema A Atração de um Olhar está a mística da alma humana, infortunada pelas escolhas inevitáveis, e pelas sugestões de imersão e extravio nas paragens desconhecidas e nas líquidas nascentes de nossos devaneios e quimeras; capto deste poema a metáfora do desejo que se transmuda em paixão, em veludo, em balanço e em regaço, nos volteios ascendentes do poeta enfeitiçado pelas águas lustrais dos olhos de ressaca de uma Capitu.

Mas o poema que abre o livro – *Jardim, livro de oração* – traz em seu contexto poético um quê de misterioso panteísmo, o jardim é um missal sagrado, as rosas rezam, as rosas dançam, a madrugada sorri e convida ao altar de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, a nossa Padroeira, talvez a invocação mais sublime e mais maternal de Nossa Senhora Mãe de Deus e Mãe dos Homens: aqui a vocação cristã e sacerdotal do Padre sobre em espiral de devoção ao Nosso Salvador, e penso que nessa síntese se entranha o pensamento fértil do Padre Pitombeira, entrelaçado na sua entrega – *totum tuum*, como era o dístico de João Paulo II – à Virgem Maria, conforto nas angústias, paz nas tempestades do espírito e porta do paraíso.

O amor é o por achar-se no que não tem medida: este verso, poeta, é mais do que um enigma, é uma verdade, é mais do que um

vaticínio, é uma sentença, uma dura e cruel sentença do irretocável destino humano, o de não encontrar-se onde se espera, o de não se ver no espelho em que se extraviou a sua face, o que espantava Cecília Meireles; sem referências seguras, sem um amor constante, o homem se perde no labirinto de suas buscas sem fim, talvez *só encontrando na eterna calma de Deus o porto sempre por achar*, isso que tanto atormentava Fernando Pessoa.

Na opinião de Mário Quintana, que nunca pode ser impunemente desprezada, *a poesia é o esconderijo do tempo*; embora Horácio tenha dito que *os poetas são apenas uma raça de irritadiços*, Platão os considerava *seres alados, sagrados e leves, mas que somente são capazes de compor quando estão saturados de Deus ou fora do juízo*; Jules Renard dizia que *o poeta é um ser tão extraordinário que pode escrever até em francês*; mas *o poeta é um fingidor*, diz solene e sinteticamente o já citado Fernando Pessoa.

Este livro do Padre Pitombeira é um exemplo da inquietude criativa de que fala o sorumbático Soren Kierkegaard – que não foi poeta – para dizer que *dentre os intelectuais são os filósofos, os teólogos e os poetas os mais criativos e inovadores*, porque tratam de coisas e de temas imortais e que nunca terminam; pois temos aqui um livro de poemas criativos de um poeta econômico nas sentenças, comedido nas palavras, mas perdulário - e diria mesmo torrencial nas emoções, uma contidas e outras revendo como um açude de piçarra.

E o poeta não é alguém que se tornou, mas alguém que pode ser, porque não contém o ímpeto e a inquietude de criar exprimir-se parabolicamente e, portanto, metafórica e futuristicamente, um conjunto de sensações vindas das suas memórias, da sua imaginação ou das suas insônias, nascidas dos seus encantamentos: este é o livro do Padre Pitombeira, que tive a sorte de ler nos longes de Brasília, nos silêncios mais eloquentes da contrição, espantando-me com as suas sutilezas narrativas e as evocações de estados anímicos reportados com franqueza e sinceridade.

Foi assim, Padre, foi assim que senti o seu livro, sincero e humanamente sutil; dou-lhe os meus parabéns pela sua publicação, tão bem cuidada e bonita, singela, como o jardim feito sacrário, simples como Padim Chico e Tia Apolônia, que *estão com Deus e nos protegem*, como o poeta diz pleno de confiança, na contracapa deste livro.

Beleza, Padre Pitombeira, muita beleza e muita harmonia; minhas congratulações pelos seus poemas inquietos e inquietantes, pela sua inquietude criativa e as suas palavras de confiança; Deus vai nos permitir que todos estejamos novamente aqui, como estamos juntos nesta noite memorável, pelo menos no primeiro centenário do Colégio Diocesano - e quem sabe nos outros centenários - sob a sua direção, Padre Pitombeira, e as nossas homenagens ao seu Diretor de sempre e ao Ginásio de nossas lembranças caríssimas, como neste verso de Virgílio Maia:

Recolha neste Colégio
lições que vêm do passado;
já lá se vão setent'anos
tempo que agora é lembrado:
Ginásio velho de guerra
antigo - mas renovado.

Que todos os anjos do Céu digam amém e que realmente assim seja!